

## UM ESTADO DA ARTE SOBRE O MERGULHO AUTÔNOMO RECREATIVO NO BRASIL

Recebido em: 19/11/2020

Aprovado em: 07/02/2021

Licença: 

*Telma Freitas de Abreu*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Pâmela do Nascimento Pereira*<sup>2</sup>

*Priscila Amanda Ferreira Vale*<sup>3</sup>

Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ)  
São João Del-Rei – MG – Brasil

**RESUMO:** O mergulho autônomo recreativo é uma atividade de lazer realizada junto à natureza. Consiste em submergir, em água doce ou salgada, aberta ou confinada, usando o equipamento autônomo de respiração. A pesquisa analisou o que é discutido sobre o mergulho nas produções acadêmicas do País, por meio de um estado da arte nas principais plataformas de periódicos. Foram encontrados 12 textos. A aplicação manual do método de análise temática de conteúdo permitiu a compreensão de que o mergulho é uma atividade pouco estudada, sendo um fenômeno importante para ser compreendido pela perspectiva do lazer, uma vez que é bastante abordado pelas áreas do turismo e administração. É necessário maior aprofundamento na compreensão das relações que se estabelecem entre lazer, corpo e natureza na perspectiva do mergulho recreativo brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mergulho. Atividades de Lazer. Natureza.

### A STATE OF THE ART ABOUT RECREATIONAL SCUBA DIVING IN BRAZIL

**ABSTRACT:** Recreational scuba diving is a leisure activity carried out close to nature. It consists of submerging, in fresh or salt water, open or confined, using self-contained breathing apparatus. The research analyzed what has been discussed regarding diving in the academic productions of the country through a “state of the art” in the main journals platforms. 12 texts were identified. The manual application of the Thematic Content

<sup>1</sup> Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2002). Possui especialização em Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Física Escolar (2007). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares na Universidade Federal de São João del-Rei (2013). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Discente no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de São João del-Rei.

<sup>3</sup> Discente do curso no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de São João del-Rei.

Analysis method allowed the understanding that diving is a poorly studied activity, being an important phenomenon to be understood from the perspective of leisure, since it is widely addressed by the areas of tourism and administration. It is necessary to deepen the understanding of the relationships established between leisure, body and nature in the perspective of Brazilian recreational diving.

**KEYWORDS:** Diving. Leisure Activities. Nature.

## Introdução

O mergulho autônomo, ou mergulho recreativo, ou *scuba*<sup>4</sup>, é uma atividade de lazer realizada junto aos ambientes naturais, especialmente o marinho. Sua busca pode estar relacionada a uma experiência “radical” em ambientes profundos, em cavernas, em naufrágios e/ou em locais onde a vida marinha proporciona grandes riscos ou à contemplação e conexão com o ambiente.

As práticas recreacionais de mergulho podem ser classificadas em relação à técnica e equipamentos, podendo serem divididas em: mergulho livre ou de apneia, flutuação ou *snorkeling* e mergulho autônomo. O mergulho livre ou de apneia é uma prática de mergulho realizada com o ar dos pulmões<sup>5</sup>. A flutuação ou *snorkeling* se dá pela prática de natação e/ou flutuação na superfície da água com o objetivo de observar o ambiente subaquático<sup>6</sup>. Já o mergulho autônomo recreativo é realizado com um ou mais cilindros de ar comprimido ligado (s) a uma mangueira e um regulador, que permitem que o ar seja levado à boca do mergulhador. Esse sistema é conhecido como

---

<sup>4</sup> O acrônimo *scuba* designa *Self-Contained Under water Breathing Apparatus*, que pode ser traduzido como aparelho autônomo de respiração subaquática.

<sup>5</sup> No mergulho de apneia, os equipamentos mais usados são máscaras, cinto de lastro e nadadeiras. Se a finalidade for a pesca ou caça submarina, são acrescentados equipamentos específicos.

<sup>6</sup> Para a prática do *snorkeling*, além das nadadeiras e máscaras, é necessária a utilização de um tubo denominado *snorkel*. Esse tubo permite a respiração na superfície sem a necessidade de o praticante retirar a cabeça da água.

equipamento autônomo de respiração<sup>7</sup>.

Para se tornar mergulhador autônomo recreativo, é necessária uma formação específica, que confere uma certificação ao praticante (ROWE; SANTOS, 2016). Após certificada, a pessoa está apta a mergulhar dentro dos padrões de sua categoria, obedecendo às normas de segurança. Atualmente, existem muitas certificadoras de mergulho, entre elas algumas mais reconhecidas mundialmente. De acordo com Rowee Santos (2016), a entidade mais importante é a *Professional Association of Diving Instructors* (PADI), associação americana criada em 1966, que, em 2015, já havia certificado 23 milhões de mergulhadores em cerca de 200 países.

No Brasil, até 2011, existiam cerca de 65.000 mergulhadores e estima-se que, a cada ano, mais 15.000 pessoas são certificadas (FERNANDES; GOMES, 2011, p. 7). Com o desenvolvimento de novos equipamentos e conhecimentos bem como com a ampliação do acesso a estes, a prática do mergulho autônomo recreativo vem aumentando no Brasil e no mundo.

Diante desse crescimento, o mergulho autônomo recreativo se apresenta como um tema a ser explorado nos estudos do lazer. A motivação para a realização deste estudo foi a percepção de que, possivelmente, existam poucos estudos a respeito da temática. Assim, o presente texto objetivou a realização de um estado da arte buscando compreender como vem sendo discutido o Mergulho nas produções nacionais. Para tanto, partimos da seguinte pergunta: como o mergulho autônomo recreativo brasileiro é discutido nas pesquisas acadêmicas nacionais? Como procedimento metodológico, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2001).

---

<sup>7</sup> Além do equipamento autônomo de respiração, os equipamentos básicos necessários para a prática são: máscara, nadadeiras, roupas especiais que permitem proteção térmica, lastro, colete equilibrador, manômetro e profundímetro (estes funcionam em um mesmo equipamento e podem ser substituídos por um computador de mergulho) (QUEIROZ NETO, 2012). Outros equipamentos podem ser somados à lista, de acordo com as finalidades do mergulho, entre eles: câmeras fotográficas, facas, lanternas e bússola.

## As Especificidades do Mergulho Autônomo Recreativo

As dificuldades e riscos relacionados ao ato de submeter o corpo à imersão, especialmente em grandes profundidades, foram sendo superadas por meio de um longo processo histórico de busca de adaptação do corpo a um meio onde ele não foi preparado para estar. Essa descoberta resultou em diferentes práticas que envolvem o ato de mergulhar. Inicialmente, mergulhava-se para caçar tesouros, para pescar ou para finalidades de guerra (NORTON, 2001).

Desde a pré-história, a pesca foi praticada em diferentes modalidades. Todavia, o início da atividade que originou as diferentes formas de mergulho se daria com o desenvolvimento e aprimoramento de técnicas que superassem duas grandes barreiras no corpo em situação de imersão: a impossibilidade da respiração e a falta de clareza da visão (SILVA, 2018).

Assim, diferentes técnicas e equipamentos foram sendo desenvolvidos ao longo da história e muitas contribuições foram proporcionadas por diferentes povos até o desenvolvimento do mergulho atual. Até a primeira metade do século XX, o ambiente subaquático havia sido explorado por equipamentos como sino de mergulho<sup>8</sup>, escafandro<sup>9</sup>, submarinos e dispositivo de respiração de circuito fechado (*Rebreather*)<sup>10</sup>. Porém, a demanda por um equipamento que garantisse ao mergulhador “conseguir ficar mais tempo submerso e com mais liberdade de movimentos” (LARSON<sup>11</sup>, 1959 *apud* ROWE; SANTOS, 2016, p. 63) foi suprida com a descoberta do *AquaLung*,

---

<sup>8</sup> Os sinos de mergulho, em suas diferentes formas, eram campânulas cheias de ar submergidas, nas quais cabiam um ou mais homens em seu interior (RIBEIRA, 1975; SANTARELLI, 1983).

<sup>9</sup> Equipamento de mergulho hermeticamente fechado composto de uma roupa impermeável acoplada a um capacete. Esse complexo é abastecido com ar por um aparelho respiratório proveniente da superfície (NORTON, 2001).

<sup>10</sup> Esse equipamento remonta a mais de 300 anos. Ele possibilita que o usuário inspire novamente o gás expirado por diferentes sistemas de filtragem e/ou reposição de ar (BORGES, 2001).

<sup>11</sup> LARSON, H. E. **A History of Self-Contained Diving and Underwater Swimming**. Washington, D. C.: National Academy of Sciences, 1959.

desenvolvido por Jacques Costeau e Emile Gangnan entre 1942 e 1943. Esse equipamento mudou o curso do mergulho no Brasil e no mundo, possibilitando a realização do mergulho autônomo para os diferentes fins, entre eles o recreativo.

De acordo com Rowe e Santos (2016, p. 63), ao final dos anos 1940, o *AquaLung* começou a ser comercializado: “[...] a prática do mergulho deixou de ser exclusivamente de inventores militares, tornando-se acessível ao público em geral”. No entanto, a chegada desse e de outros equipamentos se deu com morosidade em função das restrições do Brasil ao comércio internacional. Com isso, a prática de mergulho autônomo, que já era uma realidade no exterior, teve um lento início no País.

Nesse cenário, os mergulhos existentes no Brasil tinham fins militares, de caça ao tesouro ou garimpo, pesca submarina para próprio consumo, venda dos animais capturados ou ainda na modalidade competitiva. Na década de 1950, o País se despontava nas competições de pesca submarina desportiva (RIBEIRA, 1975; SANTARELLI, 1983). A chegada das primeiras informações e equipamentos autônomos de respiração ao Brasil se deu entre a década 1950 e meados da década de 1960, com equipamentos trazidos por pilotos de companhias aéreas dos Estados Unidos e com o retorno de alguns brasileiros que faziam cursos de mergulho no exterior (SILVA, 2018). Desde então, os equipamentos e técnicas que visam à proteção e segurança dos praticantes não cessam de ser desenvolvidos.

Atualmente, existem diferentes tipos de roupa para diversas condições climáticas dos ambientes onde é possível realizar o mergulho. O equilíbrio na água e a possibilidade de o mergulhador permanecer na profundidade desejada são garantidos por excelentes coletes equilibradores. As descobertas de diferentes misturas gasosas possibilitam que o homem vá cada vez mais fundo. A quantidade de ar comprimido utilizada pelo mergulhador durante o mergulho pode ser controlada por bons

manômetros<sup>12</sup> ou ainda pelo computador de mergulho. A melhoria desses e de outros equipamentos associada ao refinamento da técnica corporal possibilita a prática, amplia a experiência e assegura o conforto e a segurança (QUEIROZ NETO, 2012).

No Brasil e em outras partes do mundo, os locais onde tradicionalmente ocorre a prática, nomeados como pontos de mergulho, são conhecidos e catalogados. Cada um deles é adequado a determinados tipos de mergulhadores de acordo com o nível de instrução e equipamentos utilizados. Recifes, naufrágios e trilhas artificiais vêm sendo criados em determinados pontos de mergulho e o serviço de atendimento ao cliente de mergulho oferece uma boa estrutura, conforto e segurança.

O desenvolvimento do mergulho autônomo recreativo faz parte de um processo maior de crescimento de atividades, que buscam diversas formas de contato com a natureza bem como diferentes experiências junto a ela. Tal crescimento justifica a importância de maior reflexão sobre esse fenômeno.

### **O Mergulho como Lazer na Natureza**

A compreensão de mergulho autônomo recreativo proposta neste trabalho está baseada na ideia de que as noções de natureza são construções históricas, que se alteram no tempo de longa duração, de acordo com os sentidos e significados atribuídos a ela no decorrer do tempo (OLIVEIRA, 2016; SOARES, 2016; THOMAS, 1988). Ou seja, a relação dos seres humanos com o mar é compreendida a partir da ideia de que, para diferentes povos e culturas, ocorreram e ocorrem distintos e cambiantes usos e relações com ele. Esse processo é histórico e tem como consequência transformações significativas, que geram diferentes representações sobre o mar. Estas ocorrem não só com o mar, mas com toda a natureza, e passam necessariamente, pela forma de perceber

---

<sup>12</sup> Manômetro é um instrumento com que se mede a pressão dos fluidos.

o mundo (OLIVEIRA, 2016) [...] seja pelas representações carregadas de simbolismo religioso, seja por aquelas fabricadas pela ciência, ou, ainda, pela simples relação direta dos seres humanos com a terra, as águas, o sol, as estrelas, a força dos ventos e das tempestades (SOARES, 2016, p. 11).

Assim, a própria compreensão de natureza é uma construção. A forma com que homens e mulheres de diferentes níveis sociais a percebem passaram por modificações profundas, entre 1500 e 1800, construindo-se novas sensibilidades em relação aos animais, plantas e, também, à paisagem. (THOMAS, 1988). Como consequência dessas mudanças, no século XVIII houve o desenvolvimento de uma imersão na natureza a partir de novas sensorialidades, modificando bastante a relação entre corpo e natureza. Uma importante influência para que tais alterações tenham acontecido foi proveniente da ciência moderna com o desenvolvimento de novas formas de observação e experimentação da natureza. Outra influência relevante foi o romantismo, que, na metade do século XVIII, exaltou uma natureza idílica, retratando os ambientes naturais de forma a desconstruir o ideário do medo e do desconhecimento. (SOARES, 2016). O mar, que antes era visto como algo perigoso passou a ser, então, um local de mistérios a ser explorado.

A criação e o desenvolvimento dos esportes “selvagens” são um reflexo e uma consequência do corporalismo e dos movimentos ecologistas dos anos 1970 (GLEYSE, 2018) e se diferem da lógica de alguns esportes tradicionais em que a força muscular é a principal valência física requisitada e a competição é o objetivo central.

Para Sant’anna (2000, p. 3), os valores associados aos esportes californianos, *surf*, *asa delta* e *windsurf*, estão mais próximos aos movimentos flexíveis e plásticos do que a força muscular. Nestes, a experiência buscada é descrita com verbos como “voar,

escorregar e equilibrar” e a relação com o ambiente parecem ser um fator decisivo para a realização dessas práticas.

Os esportes californianos tiveram seu desenvolvimento na mesma época em que foi desenvolvido o mergulho no exterior. No mergulho, a técnica corporal não envolve a força muscular nem a velocidade. Ao contrário, envolve equilíbrio, controle da respiração e lentidão de movimentos, a fim de prolongar o tempo no fundo, utilizando menos ar do cilindro. Nesse sentido, o mergulho parece apresentar uma proximidade com os esportes californianos.

Assim como a flexibilidade, o enfrentamento do risco é um dos valores em destaque na década de 1970 (SANT’ANNA, 2000). O aspecto radical ou aventureiro dos esportes californianos traz o enfrentamento do risco de uma forma ambígua. Ou seja, por um lado, o sentido é de “dominar a violência ao mesmo tempo em que se deseja confrontá-la, experimentá-la em estado bruto, desafiá-la como quem desafia a própria morte” (SANT’ANNA, 2000, p. 4). Já na relação entre o corpo e o fundo do mar, presente no mergulho, parece existir uma complexa relação entre uma percepção idealizada de uma natureza idílica e a visão desta como um ambiente hostil e violento.

O enfrentamento do risco nos esportes ou atividades na natureza é compreendido por Le Breton (2006, p. 9) como uma forma de buscar o gosto pela vida, uma vez que a sociedade fracassou em oferecer ao ser humano um

[...] sentimento que torna a vida digna de ser vivida, a natureza, aqui o mar, em um jogo simbólico com a morte confere o acordo de uma verdade incontestável pela prova. A morte, simbolicamente vencida, permite continuar a viver sob a luz de uma nova legitimidade.

Dessa forma, a relação entre homem e natureza é sacralizada, já vez que o peso do cotidiano tedioso leva ao desejo de superar a si mesmo no meio natural idealizado enquanto um paraíso.



Entretanto, o gosto pelo risco vem acompanhado por uma gama de equipamentos que visam à “domesticação da violência”, ou seja, à proteção e à segurança dos praticantes “enquanto a proeza parece consistir apenas na fórmula do homem sozinho no mundo diante da adversidade” (LE BRETON, 2006, p. 14). Ainda assim, esses recursos são insuficientes em certas circunstâncias.

O mar sempre foi atravessado por diversas formas no imaginário. Entretanto, na contemporaneidade, é possível experimentá-lo por diferentes meios. Para Le Breton (2006), ele passou a ser instrumentalizado pelos seres humanos como um perigo a ser superado. Desse modo, o ser humano se lançou e se lança ao mar de diferentes maneiras na busca por superação do desafio individual, notoriedade, legitimidade e reconhecimento. No caso do mergulho, é relevante conhecer a relação que se estabelece entre o enfrentamento dos riscos presentes no mar e a busca por segurança bem como a relação entre natureza e homem no fundo do mar. Para isso, buscamos, neste trabalho, conhecer como o mergulho brasileiro vem sendo estudado.

### **Procedimentos Metodológicos**

Para conhecer o total de trabalhos que abordem o mergulho autônomo recreativo no Brasil e suas principais características, foi realizado um estado da arte. Segundo Romanowski e Ensr (2006), ele consiste em uma pesquisa que abrange todo um campo de conhecimento em seus diferentes tipos de produção. Assim, foram considerados artigos, dissertações, teses e anais de eventos acadêmicos.

A importância de se considerar a maior abrangência de publicações sobre a temática, característica própria do estado da arte, soma-se, neste trabalho, à necessidade de uma busca a um maior número de produções, uma vez que foi possível perceber a

pequena expressividade de trabalhos que abordem o mergulho recreativo no Brasil. Desse modo, a pesquisa admitiu textos referentes a quaisquer datas.

A coleta de dados foi realizada entre 10 de outubro e 05 de novembro de 2019, manualmente, nos seguintes bancos de dados: periódicos CAPES e catálogo de teses e dissertações CAPES, ambos na versão disponibilizada nas Instituições Públicas Federais de Ensino, SciELO e LILACS. Como filtros de busca, foram empregados todos os recursos de filtro bem como aspas. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: mergulho/autônomo, mergulho/recreativo, mergulho/recreacional, mergulho/scuba, mergulho/submarino, mergulho/turismo, mergulho/ecoturismo, mergulho/biodiversidade e mergulho/história.

Foi usada a técnica classificatória de análise categorial temática para definir quais textos pertenceriam ao *corpus* da pesquisa. A elaboração dos critérios de seleção na pré-análise se deu a partir da leitura dos resumos, observando as menções que se referissem ao mergulho autônomo recreativo como temática central do texto. Foram incluídos textos acadêmicos em que o mergulho autônomo recreativo é tema principal e/ou quando é citado como atividade de lazer. Para tanto, a presença das palavras-chave no título ou no resumo não se constituiu como critério principal para a seleção e a posterior categorização. Ambos os processos se deram por meio de leitura dos conteúdos dos textos.

Foram excluídos os textos que abordam o mergulho como um procedimento metodológico ou instrumento de coleta de dados de pesquisas. Nestes, o objeto não é o mergulho, mas a coleta ou observação de peixes e algas entre outros. Também, foram excluídos textos que objetivam conhecer os impactos ecológicos no ambiente marinho causados pela prática de mergulho autônomo. Já nestes, o objeto dos estudos era o ambiente, e não o mergulho. Foram excluídos trabalhos de finalização de graduação,

cadernos e cartilhas governamentais e/ou institucionais, ou quaisquer trabalhos que não tenham sido veiculados academicamente.

A busca inicial resultou em um pequeno número de textos. Com isso, a plataforma de busca *Google* acadêmico foi incluída ao grupo de banco de dados estudados. Essa plataforma consiste em uma base multidisciplinar, que indexa os periódicos mais citados em suas respectivas áreas. Como essa plataforma possui um grande número de páginas de apresentação de resultados, foram analisadas as dez primeiras páginas de resultados. O motivo desse recorte é que, a partir da décima primeira página, foram observadas repetições de textos já apresentados e um maior distanciamento da temática.

A busca ocasionou repetições de textos idênticos e as cópias foram excluídas, sendo que o mesmo texto, ainda que citado mais de uma vez, tenha sido contabilizado e analisado uma vez.

No levantamento, foram encontrados 12 artigos, três teses, dez dissertações e dois trabalhos publicados em anais de eventos acadêmicos. A exploração desse material ocorreu a partir da Análise Temática de Conteúdo (BARDIN, 2001). Assim, os textos foram classificados a partir de categorias segundo os conteúdos temáticos e subtemas que emergiram de sua leitura. Durante a análise, ocorreu a busca por cuidados éticos quanto aos dados tratados.

Após o levantamento, foi necessária uma fase de refinamento, a fim de descartar textos que não discutissem o mergulho autônomo recreativo como temática central. Assim, o *corpus* da pesquisa ficou constituído por quatro artigos, uma tese, seis dissertações e dois anais. Dentre os anais, um foi excluído por apresentar o mesmo conteúdo de um dos artigos selecionados anteriormente.

Durante a categorização, foi organizado manualmente um quadro com pequenos folhetos contendo as principais informações e perguntas feitas aos textos bem como outras que deles emergiam. Cada questão foi descrita em uma coluna e o texto foi disposto em uma linha. Para preencher as colunas, foram utilizadas as principais palavras e frases utilizadas no texto para se referir a determinada temática. A categorização constituiu-se na organização de palavras repetidas (indicadores) ou que apresentavam sentidos parecidos. O Quadro 1 permitiu uma boa visualização dos principais dados e o confronto entre os indicadores.

**Quadro 1: Artigos**

Sigla	Título	Revista	Autores
AT1	Riesgos percibidos em La practica Del buceo scuba: la perspectiva del consumidor	Estudios y Perspectivas en Turismo	Marques, Rafaela; Kovacs, Michelle; Barbosa, Maria de Lourdes de Azevedo; Siqueira, Geraldina; Aguiar, Edvan
AT2	O mergulho adaptado como possibilidade mediadora entre o surdo e o ouvinte	Revista Virtual de Cultura Surda	Moraes, Fernanda de Souza; Silva, Carlos Alberto Figueiredo da
AT3	Turismo de mergulho: análise do comportamento de viagem dos mergulhadores brasileiros	Caderno Virtual de Turismo	Rowe, Raphael Younger Gonçalves; Santos, Glauber Eduardo de Oliveira
AT4	Estudo do perfil do visitante e utilização do peixe mero ( <i>epinephelusitajara</i> ) como atrativo para o turismo subaquático no parque nacional marinho dos Abrolhos, Bahia	OLAM – Ciência & Tecnologia	Fernandes, Vinícius José Giglio; Gomes, Tatiana Passos

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

**Quadro 2: Dissertações**

Sigla	Título	Instituição	Autores
D1	Mergulho Autônomo Recreativo Adaptado: uma opção de lazer e aventura	Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro	Sodré, Lucia Helena Monteiro
D2	Mergulho Livre: desvelando emoções e sensações	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Rio Claro	Freire, Marília
D3	Mergulho recreativo na área da reserva biológica marinha do Arvoredo-SC: Análise do comportamento social e ambiental e das impressões da experiência dos praticantes	Universidade do Vale do Itajaí	Exequiel, Luciana Gusmão
D4	Sacrifício Percebido no Consumo de Experiências de Mergulho em Destinos Sustentáveis	Universidade Federal de Pernambuco	Nascimento, Polyanna de Lourdes Saraiva do

D5	Ouvindo o silêncio: a construção identitária por meio da prática do mergulho <i>scuba</i> como consumo hedônico	Fundação Getúlio Vargas	Gomes, Maurício de Brito
D6	Turismo de aventura e meios de hospedagem: análise das necessidades específicas de um segmento e da adequação de seus receptores – Um mergulho em Bombinhas-SC	Centro de Educação Balneário Camboriú	Lima, Fabiano Rocca

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

### Quadro 3: Tese

Sigla	Título	Instituição	Autores
T1	Mergulho recreativo na região metropolitana de Fortaleza (Nordeste do Brasil): subsídios para o desenvolvimento sustentável	Universidade Federal do Ceará	Pantalena, Ana Flávia

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

### Quadro 4: Texto publicado em anais de eventos

Sigla	Título	Evento	Autores
AN1	<i>Divetourism</i> – Um mergulho conceitual	Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul	Queiroz Neto, Ambrosio Correia de

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

## Análise e Discussão

### Método, Abordagem de Pesquisa e Instrumentos de Coletas de Dados

Dentre o total dos textos analisados, dez trabalhos são qualitativos e dois são quantitativos. Todos tratam de pesquisa de campo. Os instrumentos de coleta de dados foram divididos entre seis trabalhos com entrevistas, cinco com questionários e um com ambos.

## **Sujeitos**

Os sujeitos foram, na maioria, mergulhadores de ambos os sexos, com ou sem experiência, credenciados ou não, em diferentes níveis de mergulho. Uma pesquisa admitiu pessoas que haviam realizado o mergulho de batismo<sup>13</sup>.

## **Locais de Realização**

As regiões onde as pesquisas se desenvolveram foram: Sudeste, com três pesquisas no estado do Rio de Janeiro; Nordeste, com três pesquisas; destas, duas no estado do Ceará e uma na Bahia; e na região Sul, três trabalhos, sendo dois em Santa Catarina e um no Rio Grande do Sul. Os outros trabalhos coletaram dados em diferentes localidades brasileiras. Um trabalho não citou o local.

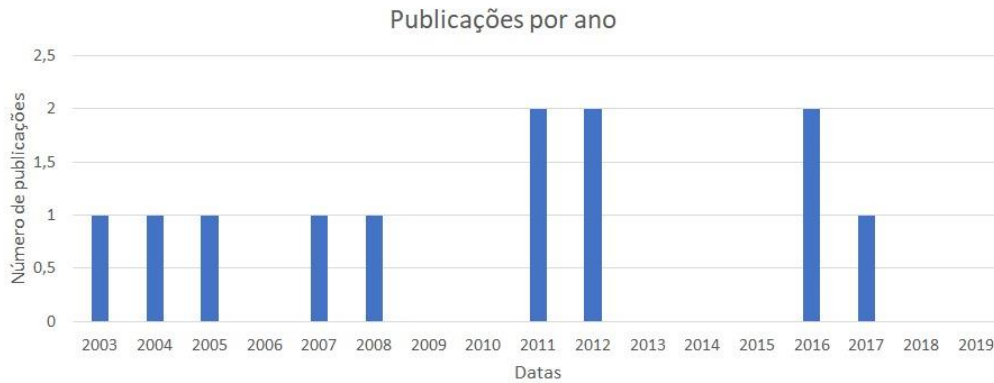
## **Datas de Publicação**

Dentre os quatro artigos, AT4 foi publicado no ano de 2011, AT1 em 2012 e AT2 e AT3 em 2016. Dentre as dissertações, a ocorrência foi de D4 em 2003, D6 em 2004, D2 em 2005, D1 em 2007, D5 em 2008 e D3 em 2016. A tese (T1) data de 2017. Já o trabalho apresentado em evento (AN1) data de 2012. A distribuição de publicações por data pode ser observada no Gráfico 1.

---

<sup>13</sup> O mergulho de batismo pode ser realizado por pessoas sem certificação e experiência em mergulho. É feito com o acompanhamento direto de um instrutor de mergulho, que monitora os equipamentos e o cliente durante a atividade.

**Gráfico 1: Distribuição das publicações por ano**



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Em relação às datas de publicação, é possível perceber que as publicações sobre o mergulho autônomo recreativo tiveram início a partir dos anos 2000, sendo uma temática recente. Isso pode ser explicado pelo crescimento da atividade desde o final do século XX no Brasil.

### **Classificação das Revistas de Acordo com o *Web Qualis***

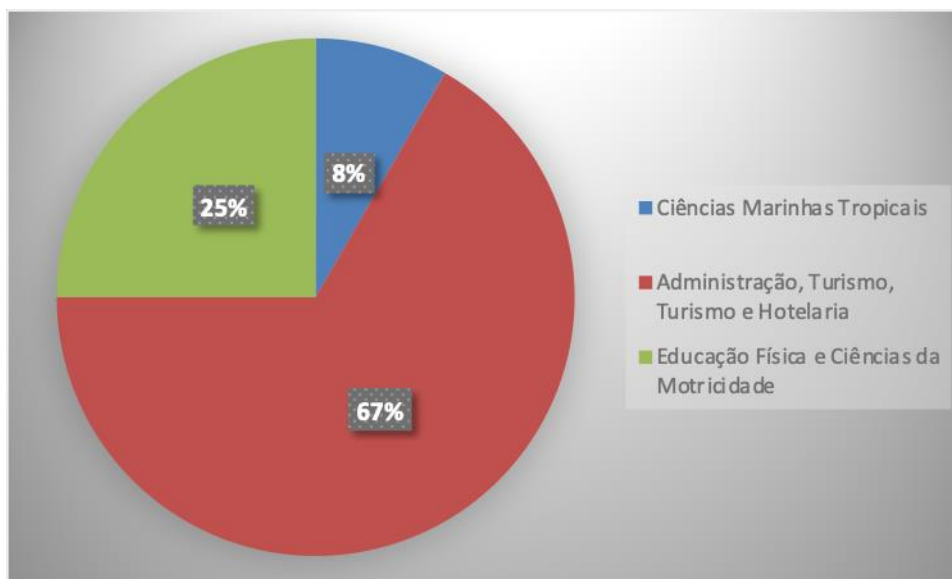
Para avaliar a classificação dos textos, utilizamos a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES, 2020) do Ministério da Educação, o *web qualis* de julho de 2019, documento em vigor no momento da elaboração deste artigo.

O *qualis* é uma ferramenta utilizada para classificar a produção científica, avaliando em categorias, de maior para menor relevância, na seguinte sequência: A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4 e C. Dentre os quatro artigos, AT1, AT2 e AT3 pertencem à qualificação B1 e AT4 à qualificação B4.

## **Programas de Pós-graduação, Áreas e Instituições dos Pesquisadores**

Em relação aos programas de pós-graduação das dissertações e tese bem como às áreas dos (as) primeiros (as) autores (as) dos artigos e anais de evento, 67% (oito textos: AT1, AT3, AT4, AN1, D3, D4, D5 e D6) pertencem ao setor de Turismo e Hotelaria, Turismo ou Administração, compreendidos neste trabalho como áreas afins. Já três textos (D1, D2 e AT2) pertencem à área da Educação Física/Ciências da Motricidade, representando 25% do total de textos. Já um texto (T1), representando 8% do total, pertence à área das Ciências Marítimas Tropicais.

**Gráfico 2: Distribuição das publicações por área**



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

As instituições das quais os(as) primeiros(as) autores(as) são provenientes estão descritas no Quadro 5.



### Quadro 5: Instituições dos(as) primeiros(as) autores(as) dos textos

Sigla	Instituição do(a) primeiro(a) autor(a)
AT1	Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Ciências Administrativas. Recife-PE.
AT2	Centro Universitário Augusto Motta. Departamento de Educação Física. Rio de Janeiro-RJ.
AT3	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. São Paulo-SP.
AT4	Universidade Federal de São Paulo. Associação de Estudos Costeiros e Marinhos. São Paulo-SP.
D1	Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro-RJ.
D2	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro-SP.
D3	Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE.
D4	Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí-SC.
D5	Fundação Getúlio Vargas. Escola Brasileira de Administração de Empresas. São Paulo-SP.
D6	Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí-SC.
T1	Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE.
AN1	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro-RJ.

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A maioria das instituições fica próxima ao mar, em locais com boas possibilidades para mergulho, sendo naturais ou artificiais, como áreas de preservação e naufragados.

A fim de compreender o cenário das publicações acadêmicas sobre mergulho recreativo no Brasil, fizemos uma busca referente ao currículo *Lattes* do (a) primeiro(a) autor(a) de cada texto, para buscar outros possíveis textos que abordassem a temática bem como pistas sobre participação em grupos de estudos. Buscamos, assim, quaisquer informações que demonstrassem continuidade ao desenvolvimento de estudos sobre o mergulho recreativo.

Dentre os(as) primeiros(as) autores(as) de sete textos (AT2, AT3, D2, D4, D3, D6 e D5), não foram encontradas publicações além das já pertencentes ao *corpus* deste trabalho ou dados que demonstrassem continuidade nos estudos sobre o mergulho autônomo recreativo. Não foi encontrado o currículo *Lattes* da primeira autora de AT1, o que pode demonstrar uma descontinuidade nos estudos acerca do tema. Embora a autora de D2 não apresente publicações acerca do mergulho autônomo recreativo, esta leciona na área do lazer, ministrando disciplinas que discutem esportes na natureza,

atividades de risco e atividades aquáticas, o que pode demonstrar uma possível continuidade.

Foram encontradas mais de uma publicação na área do mergulho nos(as) primeiros(as) autores(as) de quatro textos (AT4, AN1, D1 e T1). Os primeiros autores de T1 e AN1 desenvolveram outros estudos sobre o mergulho. A autora de T1 participa de um grupo de estudos sobre Atividades Aquáticas e Biodiversidade do Atlântico Sul: Ecologia, Impactos Ambientais e Conservação, e apresenta trabalhos voltados para a preservação do ambiente marinho. O primeiro autor de AN1 realiza pesquisas relacionadas à Competitividade de Destinos Turísticos, Turismo de Mergulho, Realidade Virtual, Redes Sociais e Políticas. Já a pesquisa sobre o currículo *Lattes* dos primeiros autores de AT4 e D1 dão pistas para o entendimento de que ambos não atuam mais na área acadêmica.

Não identificamos grupos de estudos específicos sobre Mergulho Recreativo, mas existem traços de possíveis diálogos com os trabalhos desenvolvidos pela autora de T1 e pelo autor de AN1. Estes, mesmo não tendo suas pesquisas voltadas para o Mergulho Recreativo, ainda desenvolvem estudos que envolvem o ato de mergulhar.

### **Classificação das Teses, Dissertações e Artigos Quanto à Temática dos Trabalhos**

Essa ordem de classificação emergiu da leitura dos títulos ou resumos, constituindo-se como uma organização relativa às temáticas gerais tratadas pelos textos.

#### **Categoria 1: Mergulho como Comércio**

Os textos AT1, AT3, AT4, D3, D4, D5, D6 e T1 abordaram o mergulho sob uma perspectiva comercial, referindo-se ao mergulhador como consumidor. Os oito textos propõem intervenções que resultem em lucro para as operadoras de viagens, hotéis e

pousadas ou para o turismólogo no ramo do mergulho. Dentre esses textos, T1 não se enquadra nas áreas referentes à administração, gestão e turismo, visto que é voltado aos subsídios para o desenvolvimento sustentável do mergulho na região.

Dentre os pertencentes a esta categoria, cinco textos (AT1, AT3, AT4, D5 e D6) traçam um perfil geral socioeconômico dos mergulhadores, a maioria composta por homens, adultos, com nível de escolaridade superior e pertencentes às classes economicamente favorecidas.

Desses oito textos, sete (AT1, AT3, AT4, D3, D4, D5 e D6) têm como proposta analisar e/ou compreender o comportamento do mergulhador. Destes, seis analisam o comportamento de viagem, ou seja, o que os clientes procuram em relação a hotéis, pousadas e operadoras de viagem, e um (D4) discute as motivações e emoções do mergulhador.

## **Categoria 2: Inclusão**

Os textos AT2 e D1 abordam o mergulho como meio de inclusão e pertencem à área da Educação Física. Referem-se à prática do mergulho como uma forma de inclusão social para pessoas com diversidade funcional, esclarecendo sobre as possibilidades do mergulho para estas. O artigo é voltado ao mergulho para pessoas com deficiência auditiva, enquanto a dissertação aborda o mergulho para pessoas com deficiências física, visual e audiovisual.

Ambos apresentam os benefícios do mergulho, seja socializando os praticantes ou possibilitando a criação de novos significados a partir da prática. Os dois trabalhos apontam a escassez de produções acadêmicas na área e a contribuição de pesquisas que abordem a inclusão no mergulho.

### **Categoria 3: Emoções**

O trabalho D2 tem como objetivos compreender as sensações e emoções envolvidas na prática do mergulho e entender como os sujeitos percebem os próprios sentimentos na experiência do mergulho. Questiona os sujeitos se as sensações e emoções vividas durante a prática podem ajudar na melhora da qualidade de vida e sobre a possibilidade de mudanças nas atitudes e comportamentos dos praticantes.

### **Categoria 4: Diferentes Compreensões sobre o Conceito “Turismo de Mergulho”**

Em AN1, é abordado o conceito de *divetourism* (turismo de mergulho) em níveis nacional e internacional, sendo parte de um projeto de pesquisa intitulado Turismo de Mergulho na Ilha Grande-RJ. Tal projeto investiga os impactos socioeconômicos, ambientais e culturais na referida ilha.

O texto aborda as diversas compreensões acerca dos conceitos de turismo de mergulho. Apresenta os conceitos de Mergulhador Turista e Turista Mergulhador, sendo o primeiro o mergulhador certificado, que procura destinos para as práticas de Mergulho, e o segundo seria o turista, que, em seus destinos, pode vir a mergulhar caso a atividade seja oferecida.

O trabalho conclui que o conceito sobre o *divetourism* é mais abordado internacionalmente e que o Brasil tem oportunidade de crescer no setor de turismo de mergulho.

## **Discussões e Conceituações sobre as Temáticas: Mergulho, Lazer, Natureza e os Sentidos e Sensibilidades do Corpo em Relação ao Ambiente Marinho**

### **Mergulho**

Em relação aos termos utilizados para designar o mergulho, sete textos (AT1, AT3, AT4, D3, D4, D5 e D6) designam o mergulho como uma atividade do segmento do turismo, seis textos (AT1, AT3, D1, D2, D5 e T1) o classificam como atividade de aventura ou Atividade Física de Aventura na Natureza, cinco textos (AT3, D1, D3, D5 e D6) o caracterizam enquanto uma atividade de lazer e recreação, e três trabalhos (AT4, D4 e AT2) não abordam designações para o mergulho. O texto AN1 aborda diferentes conceituações para o termo turismo de mergulho, não adotando algum desses.

As diferentes formas de compreensão do tipo de atividade em que se constitui o mergulho parecem passar por diferentes formas de compreender as motivações que levam os sujeitos a buscarem a atividade. As contradições podem ser melhor percebidas, por exemplo, entre os autores de D3 e D5. Para a primeira autora, o mergulho não é um esporte radical. Já o segundo autor afirma que o mergulho é um esporte radical de alto risco.

Nesse aspecto, em D2, os objetivos do ato de mergulhar, que emergiram das questões levadas aos sujeitos da pesquisa, se contrastam com o objetivo descrito em D1. No primeiro trabalho, a maioria, 83%, é classificada pela autora em uma visão funcionalista de lazer (alívio de estresse, relaxamento, desenvolvimento pessoal, diversão e descontração), seguida pela necessidade de socialização, representando a resposta de 36,66% dos participantes. Já no segundo trabalho, o objetivo do ato de mergulhar é descrito como “sentir na alma a magnitude da vida”. Tal diversidade de

interpretações pode ser melhor compreendida ao conhecermos as discussões presentes nos textos sobre lazer, natureza e os sentidos e sensibilidades diante dela.

## **Lazer**

A categoria Lazer se subdividiu em duas etapas. Na primeira, foram observadas discussões, que buscassem definir o lazer a partir de referenciais teóricos ou formular conceitos acerca dele. Em resposta à essa questão, oito trabalhos (AT1, AT2, AT3, AT4, D4, D6, T1 e AN1) não abordam o lazer como temática, não trazendo conceitos de lazer ou quaisquer discussões sobre ele. Os trabalhos D1, D2, D3 e D5 associam o lazer ao prazer, divertimento, satisfação e relaxamento físico e mental, que proporciona mudança pessoal e/ou dá sentido à vida. Os trabalhos D2 e D3 abordam a definição de lazer enquanto um advento da Revolução Industrial em oposição ao trabalho.

A segunda etapa emergiu da primeira a partir da percepção de que, embora sem a intenção de definir ou teorizar sobre o significado do lazer enquanto constructo havia sua associação com o escape da rotina. Assim, foi observado que, em seis textos (AT1, AT3, D1, D3, D5 e D6), os autores associam ou parecem compreender as atividades de lazer como uma fuga do cotidiano. Outros cinco textos (AT2, AT4, D4, T1 e AN1) não discutem o assunto. Já em D2, os autores discutem, de forma crítica, a concepção do lazer enquanto uma forma de escape da realidade. Os textos que admitem o discurso do escapismo parecem assumir uma compreensão de lazer como compensação em relação ao trabalho.

A compreensão do lazer como oposto ao trabalho parece ser comum entre acadêmicos de diferentes campos do conhecimento. De acordo com Dias (2018), a divisão binária entre as diversões pré-industriais e o lazer moderno vem orientando toda

uma geração de pesquisadores, sendo oriunda de uma filiação inicial da historiografia do lazer com a sociologia e a história do trabalho. Para esse autor, esse modelo interpretativo advém da ideia de que, no período pré-industrial, a produção de bens ocorria nas próprias casas. Desse modo, não havia divisão entre tempo de trabalho e tempo de lazer. O advento da indústria teria trazido grandes cisões; entre elas, a divisão de tempo dedicado ao trabalho e o tempo dedicado ao não trabalho, sendo, dessa forma, inaugurado o tempo de lazer.

Entretanto, o autor aponta dados que demonstram a porosidade e a fluidez entre os mundos do trabalho e do não trabalho entre as sociedades industriais e pré-industriais. Afirma que a “existência histórica do lazer atemporal é muito mais longa do que o que vem sendo convencionalmente sugerido” (DIAS, 2018, p. 21). Ademais, a compreensão da modernização a partir de uma teoria geral “subestima contradições, permanências e até mesmo as resistências intrínsecas nesse processo” (DIAS, 2018, p. 19). Assim, a crença inquestionável em um “trabalho em oposição ao lazer, advindo da Revolução Industrial” pode não colaborar com a compreensão sobre o lazer no Brasil. A ausência da discussão acerca da temática também pode ser um impedimento para a compreensão de inúmeros fenômenos do campo do lazer, inclusive o mergulho autônomo recreativo.

## **Natureza**

Sobre os termos usados para designar a natureza ou o mar, seis trabalhos (AT1, D6, D3, AT4, D2 e D4) usam termos referentes à natureza como um cenário para contemplação (atração, cenário, beleza cênica e indescritível contemplação) e três textos (D1, D4 e D5) apresentam termos referentes a uma relação mística ou religiosa entre homem e natureza (sagrado, fonte de paz e comunhão). Os textos AT2 e D5 abordam o

ambiente subaquático marinho a partir de termos como mundo submarino e mundo marinho. Nesses trabalhos, a distinção entre os ambientes abaixo e acima da superfície do mar tem uma forte demarcação como dois mundos diferentes. Em D5, o fundo do mar é descrito como um ambiente onde o homem não foi feito para sobreviver (experiência alienígena). Esse texto aborda o mar como um ambiente onde o homem é independente, livre das leis da superfície. AN1 cita o termo ambiente marinho na perspectiva de uma relação entre consumidor e produto. T1 e AT 3 não abordam o assunto.

Quanto às discussões referentes à natureza, um texto (D2) cita que o ser humano é parte dela. Os demais não discutem a temática. A ausência de discussão a respeito da natureza bem como uma multiplicidade de termos usados para designá-la podem oferecer pistas a respeito de sua compreensão nos textos lidos. Nestes, a natureza é, ou deveria ser, uma temática central, uma vez que tem como objeto uma atividade que é desenvolvida primordialmente nos ambientes naturais.

A falta de discussão a respeito da natureza pode demonstrar uma possível fragilidade epistemológica em sua compreensão. Nos textos, os sentidos e significados atribuídos a ela bem como a própria noção de natureza parecem não ser discutidos enquanto uma construção histórica, passível de mudanças e subordinada a determinadas formas de percepção de mundo (OLIVEIRA, 2016; SOARES, 2016). Assim, torna-se essencial que estudos futuros compreendam o mergulho autônomo recreativo a partir de uma discussão mais aprofundada sobre a natureza.

### **Sentidos e Sensibilidades do Corpo em Relação ao Ambiente Marinho**

Em relação às emoções, sensações e percepções do corpo diante do ambiente marinho, AT1 cita o sentimento de medo. AT2 e D1 citam termos como autoconfiança,



autoestima e autorrealização. D1, D4 e AN1 citam termos referentes aos sentimentos de satisfação, paixão, amor e liberdade. Em D2, o contato do corpo com o mar é abordado por meio de uma explicação detalhada do funcionamento da fisiologia da percepção.

Para os (as) autores(as) de D2 e D3, o sentido da visão é o primeiro a ser mobilizado no contato com o ambiente. Já em D2 e D5, o sentido da audição é ressaltado na busca pelo silêncio, próprio do ambiente subaquático.

Os textos D2, D5, D3 e AN1 abordam o corpo em estado de flutuação. Em D2, é feita uma correlação com a sensação de estar no ventre materno. Em D5, a sensação de voo é a metáfora usada para descrever, na experiência do fluxo, a sensação multissensorial e o aguçamento de todos os sentidos. Em D3, a experiência do mergulho é compreendida como uma sensação que é codificada no corpo.

Nesses trabalhos, são citadas expressões como sentimentos corporais e emoção à flor da pele captada por todos os poros. Em AN1, o prazer da atividade é explicado por uma condição de liberdade proporcionada aos mergulhadores pela fluuabilidade neutra, causada quando o peso do mergulhador é igual ao empuxo. Esta é conhecida pelos mergulhadores como Nirvana submarino. Já AT3, AT4, D6 e T1 não abordam o tema.

Embora todos os textos abordem sensações corporais diante da mesma experiência, ou seja, o ato de mergulhar é possível perceber que existem diferentes enfoques.

Os autores que descrevem a experiência da visão parecem privilegiar a experiência da paisagem subaquática como um fenômeno que se projeta aos olhos. Em relação a essa compreensão, é relevante considerar que o entendimento do conceito de paisagem vem passando por desconstruções, especialmente no campo da história e das ciências sociais. Estas discutem o atual conceito, que foi desenvolvido no contexto do desenvolvimento do capitalismo europeu, e carrega um processo ideológico de

compreensão do território como mercadoria e como um espetáculo a ser contemplado do exterior.

Em detrimento dos demais sentidos, o olho e a visão estariam no centro do processo de percepção da paisagem. De acordo com Besse (2014, p. 243), compreender a paisagem enquanto uma “uma imagem ou uma representação da cultura negligencia numerosos outros aspectos da paisagem, e notadamente suas ancoragens ontológicas, existenciais e materiais”. Assim, é importante, nos estudos que se debruçam sobre as idas à natureza, uma interpretação mais aprofundada das motivações e experiências de quem busca tais atividades.

Também, parece uma redução a ideia da visita à natureza como uma fuga da rotina e do estresse cotidiano, que pode vir, em muitos casos, associada a uma romantização da natureza. Essa parece ser a interpretação dos autores que acreditam que a motivação para a prática do mergulho autônomo recreativo está na busca pelo som do silêncio, por outro mundo ou mesmo por um ambiente divino. Eles parecem manter uma lógica de distanciamento ou fuga do mundo existente na superfície, vislumbrando na natureza, especificamente no fundo do mar, as sensações e sentimentos positivos.

Ainda, parece haver uma correlação entre os autores que descrevem as emoções de autoconfiança, autoestima, autorrealização, satisfação, paixão, amor e liberdade com aqueles que consideram que as experiências do mergulho são multissensoriais e utilizam diferentes metáforas para explicar a sensação corporal em estado de flutuação neutra. Aqui, é possível perceber a evidência da busca pelo bem-estar ou até da transformação pessoal.

Esses trabalhos, embora não apresentem explicitamente a discussão, contribuem para reflexões sobre a relação humana com a paisagem. Desse modo, esta seria um espaço de satisfação de necessidades essenciais, de compartilhamento de experiências

sensoriais ou, ainda, de lugares relacionados às lembranças afetivas. Nos dados dos trabalhos, é possível compreender a paisagem não como algo que está diante dos olhos, mas como uma dimensão do ser humano. Entretanto, essa discussão não é aprofundada nos textos.

Os sentidos e sensibilidades diante da natureza merecem atenção em trabalhos que discutem práticas como o mergulho, por exemplo, porque a relação entre corpo e natureza precisa ser refletida para além do sentido da visão. Para Besse (2014, p. 247): “A paisagem seria da ordem da experiência vivida, do plano da sensibilidade”, uma vez que, antes de vê-las, nós as habitamos.

Nesse sentido, o corpo ocupa lugar central, configurando uma imersão na paisagem subaquática em uma experiência física, polisensorial e cheia de significados. Nesse contexto, o mergulho autônomo recreativo envolve diferentes sentidos e sensibilidades diante de um ambiente que proporciona uma diversidade de experiências e se constitui em um tema de investigações relevante.

### **Considerações Finais**

Este estado da arte identificou como o Mergulho Autônomo recreativo vem sendo discutido no campo acadêmico brasileiro. O número de textos que compuseram o *corpus* da pesquisa demonstra a escassez de trabalhos voltados para o tema. Entre os 12 trabalhos, a maioria é relacionada à atividade comercial do mergulho. Foi possível perceber uma defasagem de estudos, que abordem o mergulho a partir de discussões com aprofundamento epistemológico do campo do lazer.

Entre os trabalhos analisados, não foram identificados grupos de estudos ou indícios de continuidade na produção acadêmica sobre a temática. Em muitos casos, os trabalhos parecem ser provenientes de iniciativas isoladas nos núcleos de pós-graduação

onde se inserem ou a continuidade parece ser dedicada ao estudo dos impactos ambientais provocados pelo mergulho.

Muitos trabalhos se assemelham quando trazem algum tipo de contextualização histórica sobre o mergulho mundial ao abordarem o número de mergulhadores certificados por ano bem como traçarem um perfil para os mergulhadores. Mas, ainda assim, parece haver uma ausência de conexões e/ou continuidades entre os trabalhos desta pesquisa.

Apesar de um dos textos apresentar dados sobre o Brasil, nem todos os Estados litorâneos brasileiros foram *locus* de estudos sobre o mergulho. Isso demonstra que a prática do mergulho autônomo recreativo em diferentes Estados onde ele ocorre ainda não foi objeto de pesquisa.

Os estudos dos campos do Turismo e Administração apresentam interesses parecidos, relativos à comercialização do mergulho, e compreendem a maior parte dos estudos encontrados. Já o campo da Educação Física, apesar de ter poucas publicações na área, se difere nas temáticas abordadas, voltando seus estudos para a área da inclusão, emoções, sensações e socialização do(a) mergulhador(a).

Este trabalho limitou-se a publicações sobre o Brasil e às plataformas citadas, excluindo fontes como livros, reportagens, publicações estrangeiras e, também, não acadêmicas. A ampliação de fontes bem como a conexão com os estudos internacionais são sugestões para pesquisas futuras.

## **REFERÊNCIAS**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2001.

BESSE, J. M. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Tradução Eliane Kuvasey e Mônica Balestrins Nunes. **GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 241-252, 2014.

BORGES, C. N. R. Um Mergulho no futuro... **Revista Virtual Brasil Mergulho**. 2001. Disponível em: <http://www.brasilmergulho.com/rebreathers-um-mergulho-no-futuro/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Classificação da produção intelectual** – Qualis CAPES. 2020. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/component/content/article/91-conteudo-estatico/avaliacao-capes/6830-qualis-periodicos-e-classificacao-de-producao-intelectual?Itemid=1918>. Acesso em: 24 ago. 2020.

DIAS, C. História e Historiografia do Lazer. **Record**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, jan./jun. 2018.

EXEQUIEL, L. G. **Mergulho recreativo na área da reserva marinha do Arvoredo-SC: análise do comportamento ambiental e das impressões da experiência dos praticantes**. 72 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2003. Disponível em: [http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/trabalhos\\_tecnicos/plano\\_manejo\\_arvoredo\\_encarte\\_4\\_parte\\_1.pdf](http://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/trabalhos_tecnicos/plano_manejo_arvoredo_encarte_4_parte_1.pdf). Acesso em: 31 out. 2019.

FERNANDES, V. J. G.; GOMES, T. P. Estudo do perfil do visitante e utilização do peixe mero (*epinephelusitajara*) como atrativo para o turismo subaquático no parque nacional marinho dos Abrolhos/BA. **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, Ano XI, v. 11, n. 2, p. 6-30, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/article/view/4707>. Acesso em: 10 out. 2019.

FREIRE, M. **Mergulho livre: desvelando emoções e sensações**. 2005. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/96068>. Acesso em: 30 out. 2019.

GLEYSE, J. **A instrumentalização do corpo**. São Paulo: LiberAr, 2018.

GOMES, M. B. **Ouvindo o silêncio: a construção identitária por meio da prática do mergulho scuba como consumo hedônico**. 94 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/4065/mbgomes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 out. 2019.

LARSON, H. E. **A History of Self-Contained Diving and Underwater Swimming**. Washington, D. C. National Academy of Sciences, 1959 apud ROWE, R. Y. G.; SANTOS, G. E. Turismo de mergulho: análise do comportamento de viagem dos mergulhadores brasileiros. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 61-75, dez. 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/jatsRepo/1154/115449790006/html/index.html>. Acesso em: 01 nov. 2019.

LE BRETON, D. Risco e lazer na natureza. In: BRUHNS, H. **Viagens, lazer e esporte**. Barueri: Manole, 2006. p. 94-117.

LIMA, F. R. **Turismo de Aventura e meios de hospedagem**: análise das necessidades específicas de um segmento e da adequação de seus receptores. O Mergulho em Bombinhas-SC. 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2004.

MARQUES, R. *et al.* Riesgos percibidos em La práctica Del buceo scuba: la perspectiva del consumidor. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Recife, v. 2, p. 402-416. Disponível em: <http://go.gale.com/ps/anonymous?id=GALE%7CA288689094&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=18511732&p=IFME&sw=w>. Acesso em: 29 out. 2019.

MORAES, F. S.; SILVA, C. A. F. O mergulho adaptado como possibilidade mediadora entre o surdo e o ouvinte. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis, v. 17, n. 19, set. 2016. Disponível em: [http://www.researchgate.net/publication/308892874\\_O\\_MERGULHO\\_ADAPTADO\\_COMO\\_POSSIBILIDADE\\_MEDIADORA\\_ENTRE\\_O\\_SURDO\\_E\\_O\\_OUVINTE](http://www.researchgate.net/publication/308892874_O_MERGULHO_ADAPTADO_COMO_POSSIBILIDADE_MEDIADORA_ENTRE_O_SURDO_E_O_OUVINTE). Acesso em: 22 out. 2019.

NASCIMENTO, P. L. S. **Sacrifício Percebido no Consumo de Experiências de Mergulho em Destinos Sustentáveis**. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

NORTON, T. **Sob o Mar**: A extraordinária vida dos Pioneiros do Mergulho. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Alegro, 2001.

OLIVEIRA, M. A. T. Como é possível educar os Sentidos e Sensibilidades? *In*: OLIVEIRA, M. A. T. **Sentidos e Sensibilidades**: Sua educação na história. Curitiba: ABEU, 2016. p. 1-5.

PANTALENA, A. F. **Mergulho recreativo na região metropolitana de Fortaleza (NE, Brasil)**: subsídios para o desenvolvimento sustentável. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Marinhas Tropicais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25369>. Acesso em: 11 out. 2019.

QUEIROZ NETO, A. C. *Divetourism* – Um mergulho conceitual. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. TURISMO E PAISAGEM: RELAÇÃO COMPLEXA, 7., 2012. **Anais** [...]16 e 17 de nov. 2012. Disponível em: [http://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_7/arquivos/06/04\\_38\\_03\\_Neto.pdf](http://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/06/04_38_03_Neto.pdf). Acesso em: 18 out. 2019.

RIBEIRA, A. **A Pesca Submarina**. Porto: Editorial Presença, LDA, 1975.

ROMANOWSKI, J. P.; ENSR, T. As Pesquisas denominadas do Tipo “Estado da Arte” em Educação. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <http://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em: 10 out. 2020.

ROWE, R. Y. G.; SANTOS, G. E. Turismo de mergulho: análise do comportamento de viagem dos mergulhadores brasileiros. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 61-75, dez. 2016. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/jatsRepo/1154/115449790006/html/index.html>. Acesso em: 01 nov. 2019.

SANT'ANNA, D. B. Entre o corpo e a técnica. **Motrivivência**, Santa Catarina, v. 11, n. 15, p. 1-6, ago. 2000.

SANTARELLI, A. **Super Sub**. 5. ed. Rio de Janeiro: Cobra Sub S. A., 1983.

SILVA, F. Conheça a história do mergulho no Brasil e no mundo. **EVIDIVE – Escola de Mergulho**, 2018. Disponível em: <http://www.evidive.com.br/conheca-a-historia-do-mergulho-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 4 ago. 2020.

SOARES, C. Três notas sobre uma natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In: SOARES, C. **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 11-41.

SODRÉ, L. H. M. **Mergulho autônomo recreativo adaptado: uma opção de lazer e aventura**. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/mergulho-autonomo-recreativo-adaptado-uma-opcao-lazer-aventura/>. Acesso em: 14 out. 2019.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

#### **Endereço das Autoras:**

Telma Freitas de Abreu  
Rua Araguaia, nº 102, Vila Jesus Silva  
São João Del-Rei – MG – 36.305 068  
Endereço Eletrônico: [telmafreitasa@gmail.com](mailto:telmafreitasa@gmail.com)

Pâmela do Nascimento Pereira  
Rua José da Silva Fraga, nº 23, Centro  
Itapemirim – ES – 29.330-000  
Endereço Eletrônico: [pamelanp@live.com](mailto:pamelanp@live.com)

Priscila Amanda Ferreira Vale  
Rua Joaquim Borges da Silva, nº 74, Bairro Senhor dos Montes  
São João Del-Rei – MG – 36.300-344  
Endereço Eletrônico: [priscilavalee@gmail.com](mailto:priscilavalee@gmail.com)